

VOCIFERAR

(em silêncio)

VOCIFERAR

(em silêncio)

Mauricio Duarte

Todos os direitos reservados a **Mauricio Antonio Veloso Duarte (Sw. Divyam Anuragi)**.
Proibida a reprodução, armazenamento ou transmissão de partes deste livro a partir de quaisquer meios, sem prévia autorização por escrito do autor.

Sumário

<u>Corpo</u>	7
<u>Alma</u>	26
<u>Espírito</u>	49
<u>Biografia do autor Mauricio Duarte</u>	78

Agradeço a Deus.

Agradeço aos meus pais e à minha irmã.

Dedico este livro aos que, calados, gritam mais do que os que falam.

Corpo

A espera

Longe, muito longe,
está minha espera.
E é Afrodite
que espero e que
me espera doutro
lado do espelho...

Não é Alice que
já foi embora anos
atrás, minha infância.
Porém, a filosofia
estética insiste
em se esconder...

A arte não é mais
do que investimento.
E não há fé entre
os habitantes da Lua,
esses miseráveis da
espera do longe...

A vida que não volta atrás

Vórtices em unísono.
Cabeça de Saddam Hussein:
“a Mãe de todas as batalhas”,
com desenho do South Park...

Osama Bin Laden em vídeo
ameaçando o Ocidente,
as torres desabando por
controle remoto, não por aviões...

Vítimas da guerra suja,
refugiados em profusão.
O menino morto na praia.
Limites que não existem mais...

Rabi, cura-me, cura-me.
Cada um cuida do seu
rabinho, ninguém cuida da
vida que não volta atrás...

Quando

Quando Galilei Galileu
foi condenado pela
audácia de pensar,
pôneis azuis e unicórnios brancos
não trotavam livres nas florestas...

Quando Joana D'Arc
foi queimada viva
na fogueira do poder,
as cabeças de elfos não
carregavam coroas douradas...

Quando Edward Snowden
é um exilado na Rússia,
não há nem sombra de
valquírias que possam
fazer valer guerreiros na morte...

Quando Ahmed Mohamed
é algemado e preso
por levar um relógio digital
para a escola, nos EUA,
não há mais magia de alquimistas...

Quando nem silfos do ar,
nem ondinas do mar
se atrevem a dar as caras;
os poucos gnomos da terra e
salamandras do fogo já se foram...

Vontades

Vestígios de ancestrais
são achados em algum lugar.
Os da Atlântida
nunca são encontrados...

Especialmente hoje
estive taciturno,
mas não me pergunte porque...

Aquarelas são tão
bonitas quando
só insinuam...

Municípios arborizados
poderiam fazer parte
das cidades lunares...

Tudo isso são desejos
ou simples ansiedades,
que vem e vão, sem nexo...

Mas eu acredito que
minhas vontades serão
descartadas sim.
Ad infinitum...

O gongo da transcendência

Enquanto dobra o
Cabo da Boa Esperança,
o velho torna-se o
jovem; sua é a alma
do mundo, não há
mais nada a perder.

Exemplo das inquietudes
de Loki, o deus da
mentira; a vida passa
com suas meias verdades
que nos trazem memórias
e apagam tudo de ruim.

Quanto mais distante,
mais bonito fica na
saudade de quem já
experimentou, a ferro
e fogo, todas as
mortes em vida.

O velho e o jovem
são e não são, estão
e não estão, sendo esse
o gongo da transcendência
que o Oriente tanto
preza e a gente despreza.

Caminho torto

Caminho pelo caminho torto
numa passada torta, eu, anjo
de pernas tortas (seria Garrincha?).
Como numa viela torta, é, eu manjo!

Esse caminho torto, não é aqui,
nem ali, muito menos acolá.
É apenas o meu caminho, meu,
de mais ninguém; de índole má?

Não, não sou mal, nem bom, mas procuro
estar em sintonia com meus sonhos,
sem fazer pouco caso e nem
adorá-los, sendo o que somos...

Eu e meu caminho somos um
e como diria, Ezra Pound, nenhuma
época produzirá de novo
um Picasso, de forma alguma!

Não sou Garrincha, Pound, nem Picasso,
mas nós somos únicos e há
quem tenha mais gênio, do que todos
gênios tortos, é toda gente, rá...

Torto é meu caminhar, mas
é melhor assim, quem anda muito
certo, acaba mal, senão nessa
vida, por certo, na outra; fortuito!

Ainda trago comigo

Ainda trago comigo
aquele sorriso bom de
gaiato sonâmbulo na
beira da estrada, certo
de que vai se safar disso
ou daquilo outro; claro...

Ainda trago comigo
aquela vontade grande
de revolucionar o
que quer que seja ou a quem
quer que seja que esteja
no caminho; melhor sair...

Ainda trago comigo
aquela ginga, aquela
manha de quem conhece o
alvo, mas prefere errar.
Só para não dar o braço
a torcer; quero distorcer...

Ainda trago comigo
aquele rebelde que fui
que sou, que serei, dentro de
mim, sim, pronto para sair.
Mostrando-me que a vida
vale a pena; é, sempre...

Ainda trago comigo
aquela maior vontade
de experimentar e ser
uma metamorfose e
ambulante, como diz o
Raul, maluco; beleza...

Ainda trago comigo
um não sei quê de estar, ah...
fora de ordem, dentro de
mim mesmo, perto da minha
harmonia, do meu ser e
caoticamente; enfim...

O meditar do artista gráfico

Por cima de todo styling,
brochura, litografia, texto,
está o pensamento gráfico,
mas além, há essa pulsação,
essa vibração do sentido;
cujo sentimento não é só
lettering, carimbo, offset,
computação gráfica, xerox.
É muito mais revelação,
fotos das almas dos designers...

Dentro de toda tipografia,
publicação, xilogravura,
está o intuito composicional,
mas além, há a liberação,
aquela criação de um sentido;
cujo sentimento não é só
grafismo, imagem, pigmento,
luz, fotografia, exposição.
É muito mais transpiração,
um exercício imagético...

Bem abaixo de todo cartaz,
mural, folder, grafite, marca,
está o imaginário cultural,
mas além, há o esforço de ver,
perceber o que há por trás;
cujo sentimento não é só
cor, linha, essa mancha gráfica,
jornal, revista, silk-screen.
É muito mais a transcendência,
meditar do artista gráfico...

Mata

Tanta mata, floresta,
Mata tanta, gente.
É vida, mas é morte,
Ao mesmo tempo...

Esse mote já vem
Desde muito longe,
Matando gente
Que mata o tempo...

Matador que mata...
Dor de quem
Poderia ter matado
A necessidade...

Morreu nas lutas
Da mata como
Chico Mendes,
Morto na mata...

Mato que mata...
Desmata toda
A mata, que implora
Não me mate, não...

Mata bendita;
Maldito é o homem,
Matando uma mata
Que só lhe dá vida...

Vazio

Era dos signos-marcas
em todos espaços,
todos lugares, virtuais ou não.
Símbolos-identidades,
tremeluzindo e
piscando ininterruptamente...

Sinergia dos logotipos
em profusão cabalística
a sorrir e deitar-se para
o sexo; vende-se o sexo,
qualquer um, não importa.
Ícones da luxúria onipresente...

São os donos ilimitados
das ruas, shoppings, praças,
bares, avenidas, olhos, mentes.
Lembram-nos do grande
vazio existencial
que enchemos de nada...

Ossos do ofício

O tempo passa (como num moinho)
moendo as carnes, as feições,
os semblantes, os rostos...
tornando indistintos corpos e natureza...
aos poucos, só restando ossos,
mas esses ossos não podem
nos tornar melhores... só a carne...

O osso é inumano?
É... o osso é nossa parte mineral...
minérios de ferro, manganês,
magnésífero, metalúrgico...
o homem de aço, Superman...
não, a caveira do Justiceiro...
ou a do Fantasma...

O osso (e só o osso)
nos aproxima da mineralidade
como só uma planta é capaz
de se aproximar do solo...
mas porque? Nenhuma razão especial,
só por serem os últimos
ao apagar das luzes...

E o tempo passa como um triturador
torcendo e destorcendo o que
temos de duro, sólido...
faca na caveira da polícia...
não há poesia no osso,
só essa constatação: vida e morte
são os ossos do ofício...

Cada

Cada olhar teu
Em mim, meu em ti
Foi uma gota d'água
Límpida que eu li
Nos olhos, deságua
Em nós, nesse clamor...

Cada toque teu
E meu foi um céu,
A espelhar nuvens
De aurora ao léu,
Brilha nesses lúmens,
Que nos trouxe tremor...

Cada beijo teu
E meu foi uma luz;
Pedacos, grilhões
Desfeitos que pus
Todos aos milhões,
Na mesa do dispor...

Cada discussão
Nossa foi um dos testes
Dos quais não passamos,
Criação dessas pestes,
Que não nos amamos,
Levou toda dor...

Cada despedida
Nossa foi uma treva,
Que sombreava forte
Nossos corpos, rela
Também, nessa morte,
A morte do amor...

Anseio e amor na América

Devagar a alma alça voo,
sim, morte e luz, vida e trevas.
Lamentos de um tal destino,
nunca se completou não,
só passou, mero átimo
do átomo nuclear, oh vil,
esplendor de destruição...

Os estranhos que se encontram
numa praça morta não
são espectadores, são tão
protagonistas do mesmo
enredo que, ladina, é,
latrina duma América
Latina, ruidosa e triste...

Por uma riqueza meio
anacrônica, pôde ir
para fora do espírito
e margear o continente;
saudosismo de dupla face,
de um lado, anseio, moribundo,
do outro, amor, fora da caixa...

Sentimentos

Do universo dos meus sentimentos,
retirei aquela flor dália; fé
que tinha no descompasso; ré
do carro Brasília nesses asfaltos
quentes de Brasília, anos 1970...

Quando vi e pensei, já era 2000,
mas por que meu Deus, por quê? Será?
Não, não, nunca será, nunca, tá?
São apenas lembranças, Lucy Liu.
Não vale a pena, o horizonte errou...

Sabe por quê? Porque o Brasil é
mais um sonho oriental no ocidente,
não é original, não é como um oxente,
é aguardente, garrafa de mé,
que foi fabricada no Paraguai...

O que sinto não traz nenhuma, é,
redenção, só afasta o mal do bem,
só mostra o quão idiota foi isto, vem,
vamos esquecer, sim, Salomé;
morar no trailer dos nossos sonhos...

Zeitgeist

Prisão sem muros,
a morte em vida,
as cadeias muitas
dessa tal lida
que são só ruínas...

Descrença grande
em tudo e em nada,
por sim, por não,
cegos, manada
sem lei e razão...

Não há esperança,
nem nunca houve,
um simulacro,
um micro, louve,
outro urre, macro...

Zeitgeist desta
mixórdia toda
que esqueceu o bem,
o mal e chora
porque, por quem?

Doce projeto

Doce projeto dos que foram
e nunca voltaram; é este ogro
que ora vem me lembrar que o rei
está para voltar. Mas que
venha o rei, viva o rei, rei morto,
rei posto, como o modernismo
que não deu certo não, ou foi para
o brejo, suplantado pela
mediocridade reinante, é...

Doce projeto dos que foram
e nunca voltaram; é o jogo
que ora vem me lembrar que a dita
ditadura está para voltar.
Mas que venha essa dita cuja,
maldita filha da outra, que
não deu certo não; tropicália
que o general degolou, sim,
o flash de genialidade...

Doce projeto dos que foram
e nunca voltaram; é o logro
que ora vem me lembrar que pela
classe política em Brasília
está para voltar aquela
previdência que não deu certo.
Que venha essa débil reforma;
grafite criativo banido
e engabelação dessa elite...

Tudo o que é sólido, desmancha no ar

Ora, mas não é que é verdade?

Corre, corre, porém nunca
chega, em lugar algum não.
Apenas cai, como cair
fosse a única coisa que
é possível para quem
foi lá alto, muito alto, sendo
depois convidado a decair,
tanto mais, quanto mais subiu...

Ora, mas não é que é verdade?

Gramma come e regurgita,
não anda nem foge, só cai,
cai, como cair, fosse a coisa
mais natural para quem
alçou os píncaros da fé.
Não pôde lá ficar não,
porque nada há de, bem,
sólido, nessa tal fé...

Ora, mas não é que é verdade?

Ritmo dissonante

O ritmo dissonante
do burburinho da cidade
me faz raciocinar melhor...

Acostumei-me com esses
barulhos urbanos.
O silêncio me atordoa...

Mas o som do grilo
lá pelas 6 da tarde, no campo,
também não é bom...

Se eu fosse um futurista
a declamar poemas-máquina,
como Marinetti, ia bem, mas não sou...

A cidade é o lumiar
de uma aurora
apocalíptica, decadente...

Mas só a ela podemos
nos acostumar.
Somos sons dissonantes...

Somos seres humanos,
existimos para ferir
a nossa natureza e a natureza em si...

Alma

Pela fresta da porta

Pela fresta da porta
a minha alma se ia por
vagas muitas, inteiros
vagalhões soçobravam;
minha decrepitude,
vinha salinidade,
marejava as tais ondas
da areia do esquecimento...

E eu via, via mesmo “quanto
“Mar, quanto mar, sei quanto”
“é preciso, pá”, pois
“navegar” e “navegar.”
Pela fresta da porta,
enxergava um oceano,
a deslindar-se com
imensos cachalotes...

Naquele mundo, desse
amanhã de maresia,
vinha um vento abafado
de quentura da praia,
queimando rostos em
grande letargia de
depois do almoço, quente;
pela fresta da porta...

Solidão de vento

Por incosequente que fosse
não seria tão feliz, ao certo.
Sendo vento que passa ao
longe e distante, tão distante,
que o seu frescor não é verdadeiro,
mas apenas um corriqueiro
existir, meio cá, meio lá, sem
saber onde estar, só em sua
imensa solidão de vento...

Reflexos da noite

A luz dos faróis
Nesses automóveis
Estrada adentro, faz
Parecer que tudo
É fugaz, não fica,
Nunca permanece...

Mas quem diria que
Teu semblante iria
Ficar; minha doce
Memória, pra sempre?
Que lampejo tira
Teus olhos dos meus?

Destino, engano
Ou simples espelho
D'água de um rio,
Veneno, daqueles
De matar rápido,
Sorte ou azar, transborda...

Lateja meu sexo
Em busca do teu,
Mas não vem, não viemos;
Tempo algum não,
Minha amada bela,
De qual céu te perdi?

Não me pergunte

Não me pergunte se eu
te crucifiquei há
dois mil anos atrás...
Não me interessa aquela
cantilena de sempre
e de todo dia, porque
a cruz é esse símbolo
antigo, mais antigo
do que o próprio cristão
ardor ou pendor para
a dor de qualquer Deus,
que nunca foi nem nunca
será... mas fique alerta,
querem tirar da cruz,
tu, Cristo verdadeiro
e colocar uma assim...
rosa no lugar ou
qualquer outra coisa em
teu lugar, tanto faz,
desde que te esqueçamos...

Não me pergunte se eu
lavei minhas mãos como
esse Pôncios Pilatos,
tão comum hoje em dia,
indiferença da
diferença ou do
mesmo, tanto faz, já
que se só houver um
Deus novamente e não
esta miríade de
poder, dinheiro e sexo,
talvez lembremos de
novo de ti, Cristo, óh,
tu que nunca nos deixou
nem nos esqueceu não.
Por nós, morreste na
cruz; agora essa tal
cruz é motivo de
vergonha; sacrifício...
Querem mesmo te esquecer...

Não me pergunte se eu
te neguei umas três vezes
antes do raiar do dia;
eu te neguei trezentas
vezes três, de dia e de
noite, sem cessar; este
mundo é cão, mas Deus não
desistiu de nós, fomos
nós os algozes de

ti que matamos a
espiritualidade
real ou a real religião,
tanto faz, porque agora
não existe mais noção
de bem e de mal, de
certo e de errado, de
moral ou imoral, de
graça ou desgraça, tudo
é uma mixórdia de
ganância e esquecimento...

Peças de cristal

Orvalho congelado,
estonteante beleza,
numa geada bem tesa...

As flores, folhas, frutos,
galhos, hastes vegetais
se assemelham a cristais...

Efêmera é sua vida,
mas, ah, quanta beleza!
Presente, é natureza...

Efeitos de cor, luz
nas gotas, se acumulam
brindam e cor emanam...

Refletindo raio solar,
até mesmo teias brilham,
elevam elã e acalmam...

Gotículas de água,
transformadas em cristal,
mostram fascínio real...

Caminhes o bom caminho

Caminhes com a cabeça erguida,
não há pior das mágoas que a mágoa
consigo mesmo, o que só traz
negatividade e além de tudo,
porque olhar para baixo? Perdeste
algo no chão? Se não, larga desse
mau hábito e olha antes pro céu...
É de lá de cima que vem nossa
paz pra caminhar o bom caminho...

O bom caminho não é, por certo,
moral nem amoral; simplesmente
é o caminho justo, o caminho
que leva ao todo, à completude,
a nossa inteireza como seres
humanos com bons e maus momentos...
O caminho que nos traz o seu amor
como subproduto do caminho
trilhado, compartilhado em fé...

O que passa nos corações dos homens

Mulheres e homens são
igualmente diferentes
e diferentemente iguais...

Quando o homem precisa
de colo maternal,
faz contato com seu lado
feminino psíquico.
Quando a mulher precisa
do vigor físico,
faz contato com seu lado
masculino psíquico...

Mulheres e homens são
igualmente diferentes
e diferentemente iguais...

Não é preciso ser mulher
para ter intuição.
Não é preciso ser homem
para ter força;
nossa sensibilidade
é perfeita como somos,
tanto em gênero
quanto em grau...

Mulheres e homens são
igualmente diferentes
e diferentemente iguais...

O mundo interior psíquico
do homem é feminino,
bem como o mundo interior
psíquico da mulher
é masculino; o mundo
imediatamente além
do nosso corpo é de outro
sexo. Por quê...?

Mulheres e homens são
igualmente diferentes
e diferentemente iguais...

Porque Deus equilibra o Todo
de modo perfeito. Também,
a partir de certo nível,
não há sexo diferenciado
no mundo espiritual.
Deus é Pai e é Mãe,
e sempre sabe o que
passa nos corações dos homens...

Mulheres e homens são
igualmente diferentes
e diferentemente iguais...

Lamentações

Lar das vagas lamentações...

Mortes infames seriam as
de Hitlers, Mussolinis e
Stalins... a dor vocifera
forte em meio a tanto ardor fora
de hora e de sintonia com
a harmonia... tão longe... tão
distante que nem pode ser
chamada harmonia...

Lar das vagas lamentações...

Às vezes me pergunto se
existe realmente uma
decisão que possa transmutar
nosso corpo, mente e alma em
luz... haverá?... se há, que venha,
venha logo... enquanto o amor ainda
é vivo, moribundo... é...
verdade, mas respira ainda...

Lar das vagas lamentações...

Em outros mundos

Ainda que não
existam mundos
como a Terra, haverá...

Sempre imaginação,
mundos e povos
imaginários...

Gotas pingam no corredor...
alguma delas vai trazer
o fim do mundo?

Não... Mas as gotas
continuarão,
sempre, até o fim do mundo...

Até o fim desse corredor
da casa, porque
as gotas caem...

Sempre e sempre;
mesmo com o
fim da casa, continuariam...

Mesmo com o fim do mundo,
também, é certo,
em outros mundos...

Para as massas

Invólucro de especial
estirpe para conteúdo
igualmente nobre também.

Joga-se fora o bebê
e cuida-se dessa placenta.
Placenta pode ser e é
muito preciosa mas não
é o bebê, ele é vida.
No entanto, é descartado.

Para as massas, isso que
se faz, para calar as vozes
daqueles que teimam em gritar.

Poema do fim das águas

A lagou chorou.
Mas também, pudera:
O homem matou,
O homem quebrou,
O homem tirou,
O homem cagou,
O homem zerou...

O rio, sim, chorou.
Mas também, pudera:
O homem pecou,
O homem danou,
O homem torou,
O homem trocou,
O homem gorou...

O mar, é, chorou.
Mas também, pudera:
O homem levou,
O homem queimou,
O homem roubou,
O homem tramou,
O homem falhou...

A vida? Essa...
Essa acabou!

Tudo é limbo

Espaço além
algo que preencha
vazio, vintém,
moeda furada...

Cabeça de alho,
de camarão,
nada que valho,
coco, não presta...

Cada passo, assim,
tonelada é,
moroso capim,
boi pasta sempre...

Depois do sexo
ela me diz:
É só reflexo,
não é de verdade...

Quando acaba isto?
Longe, sim, demais,
somente um misto
de dor e de ódio...

Os carros passam,
mas, ah, não muda.
Esses trens passam,
tudo é limbo, enfim...

Guetos sul-americanos

Os limites geográficos
desses tais guetos sinuosos,
longitude, latitude,
sul do hemisfério sul...

Não há poder que não venha
por dor, autoritarismo,
desmando e leviandade.
Aqui é gueto, é gueto...

Berço dos tiranos, os
sul-americanos, nossos
compatriotas, não há culpa,
só desamor... muitos guetos...

Parasitas, mortos-vivos
em grande número são
figuras fáceis e não,
não podem sair desses guetos...

Débil toldo

É um toldo, assim, uma
espécie de toldo...
a proteção nossa
contra o pecado ou
o que foi chamado
noutros outros tempos
assim... nada é mais...

Débil toldo.

O sol irradia e essas
intempéries foram
desgastando o toldo
e ele se rasgou e
se esburacou; os raios
deletérios, é,
nos atingem sempre...

Débil toldo.

A chuva também
nos atinge com
a sua morbidade,
bem como a neve
da frieza e até as pedras
de granizo da
violência e do mal...

Débil toldo.

Ainda há o próprio ar.
É, sim, pestilento,
é vão todo toldo,
o ar permeia tudo e
mostra que não tem
salvação nem mesmo
saída no pecado...

Débil toldo.

Desamor da indiferença

Dissemina e regurgita
todo o desgosto e desprazer
em sua grande ausência de
consciência: está, a priori, além
do bem e do mal, é tudo
e é nada, assim, desse modo,
ao mesmo tempo, é vivo e é
morto, existe e não tem, sim,
existência, não é, e é, também...

Fantasmático desamor
da indiferença de todos
e de cada um, abstrato
desamor que não se mostra,
nem se esconde; apenas se
passa de um sujeito da
matrix para outro sujeito
da matrix: presente e etéreo;
é tão só música ambiente...

O Homem do Eldorado-Fim

O Homem do Eldorado-Fim
possui verve e versos sem fim,
ornando a sua fonte brilhante,
em grã-maravilha, mui enorme...

As vozes que acompanham esse
Homem são vozes gravíssimas
que sempre ecoam nas montanhas
e vales de todos lugares...

Agonizam, em unísono,
todas essas vozes daqueles
que tiveram parte com nosso
Homem, o do Eldorado-Fim...

Mas não morrem, renascem em
unísono, também, por serem
do seu caráter como brilho
no Homem do Eldorado-Fim...

Quem é este Homem que designo?
Aquele e tão somente o que
chegou ao Eldorado-Fim e soube
que chegara, sim, em sua casa...

O fim dos horizontes

As mortes que ocorrem
Todos os dias deixam
Dores amargas em
Muitos, mortes dos
Valores, ideais...

Morte dessa ética
Que existia e não é
Mais usada, as mortes
Que ninguém vê, mas são
Decisivas certamente...

Eu sinto uma dor
Lancinante que é a dor
Do homem que diante
Da malha fina assim,
Tão fina dessas mortes...

Não enxerga como pôde
Acontecer de ontem
Ser tão contraste de
Hoje em escala de
Visão do mundo enfim...

Tamanha dor esconde
O que de longe fez
Essa dor que distante,
Nos traz tão perto antes
Do fim dos horizontes...

Até o cume da sua alma

Flor, amor, alimento,
o pão de cada dia,
deste o Teu Corpo, sim,
para todos, saudade,
nostalgia, vida de
lembrança, que não volta
lembrança desta vida...

Jesus Cristo desse adeus
que nunca deixa morrer.
A vida por um fio,
mas não tem nosso rumo
nosso prumo, bússola,
astrolábio da nau
que se perdeu no mar...

Coração da vontade,
esforço, força nossa,
clarividência dos
fatos, desfeitos, é,
daqueles que visitam
a loucura e a cortejam
até o cume da sua alma...

O silêncio e o grito

Uma mão de sangue
pousa sobre meu
ombro; o cão lambe
as gotas que caem...

Tudo é extremo,
afônico e
sem vida, só cremo
o que já são cinzas...

Não temo silêncio,
mas a parte de
mim que, estipêndio
dos governos, grita...

A treva detesta
o silêncio; é
a morte que resta
à sombra no fim...

Li o livro

Li o livro com sofregidão,
esperando pelo próximo
capítulo, de linha a linha,
de parágrafo a parágrafo,
de letra a letra, sem nenhuma
vanglória, sem nenhuma má
vontade; ao contrário, este sabor
de ler me veio o tempo inteiro...

Li o livro assim. Grande efusão
e contentamento me invadiam,
enquanto lia e era só saudade
quando acabava uma e iniciava
outra parte, porque era certo,
para mim, que, no final, seria
só lembrança, nem boa, nem má,
só memória de um tempo meu...

Li o livro de um fôlego só,
sem parar pra descansar ou
qualquer outra coisa e poderia
dizer que valeu a pena, que
sempre valeu a pena, mas digo,
mais acertadamente, que
foi o que tinha que ser, nada
mais, nada menos. Qual o livro?

Era só o livro da vida...

Por que não o fazemos?

Todos os dias
pergunto-me por que
é tão necessário virar a mesa,
trazer luz às trevas,
mostrar redenção,
calar a traição...

Todos os dias
pergunto-me por que
é tão necessário agir,
incentivar a paz,
honrar a compaixão,
privilegiar a vida...

E por que, efetivamente,
não o fazemos?

Talvez porque as areias
das praias e dos desertos
de todo o mundo
não seriam suficientes
para aplacar a dor dos oceanos
de homens famintos...

Talvez porque as miríades
de todas as galáxias
do universo não bastariam
para criar espaço
no desamor vazio
de nós, seres humanos...

Espírito

Nossa força maior

Herança de tempos imemoriais
vicejam hoje em formas diversas
e de modos muito diferentes...

Raízes latinas, raízes inglesas,
raízes ameríndias, raízes celtas,
raízes árabes, raízes andinas...

Raízes lusitanas, raízes tupis,
raízes mouras, raízes catalãs,
raízes chinesas, raízes indianas...

Raízes judaicas, raízes eslavas,
raízes bantus, raízes sudanesas,
raízes nipônicas, raízes enfim...

Todos somos um só povo, sim,
uma humanidade, que é,
que foi e que será análoga sempre...

Nossa fé, nossa diversidade,
nossa dor, nossa limitação,
são nossa força maior, a grandeza...

rosa

rosa dos lentos,
traga-me os ventos
daquela mais
famosa flor...

rosa dos centos,
bem lamacentos
caminhos, poder,
desse dinheiro...

rosa dos tentos,
bola, rebentos,
nesse futebol,
de todo dia...

rosa dos tempos,
outros quinhentos,
em uma singular
passagem, enfim...

No interior

Quando começou a ladainha,
ia explodir a cabeça minha,
mas não, tudo é somente linha...

Mais uma linha nesse texto
da vida que, taciturno, empresto
a essa chepa, ao que resto...

Não saberia dizer se era
para chorar ou rir, mas sim, fera
do inusitado que gera...

Gera a poesia do cotidiano
em tão grande exato meridiano
que trouxe dúvida a esse ano...

E me mostrou sem demora,
que não se pode buscar fora,
o que dentro e no interior mora...

Passarinho

Passarinho machucou
A asa, mal arremeter...
Ficou triste, até matou
Vontade de recolher
No ninho a amodorrar...

Tão logo veio a sorte,
Largou mão do azar, esse
Azar que trazia a morte.
A luz, mesmo que viesse,
Não podia nunca brilhar...

Quando voltou a cantar,
Passarinho se calou,
Encantado com o amar,
Tanto que, mesmo, sarou,
E pôs-se, livre, a voar...

Viajando

A viagem, a viagem,
A estrada de chão
E o meu coração?

Como poderia tanta
Terra ter tanta dor,
Que seria do meu amor?

Passa paisagem, passa,
Flores, mato, cidade,
E minha mocidade?

Infinito caminho;
Sempre viajar, em tempo,
Viver, sim, o momento?

Que destino esse tal
De não parar num canto;
Quando terei o remanso?

Dádiva

Os deuses que o digam;
não há um só dos
tais seres humanos
que tenha mérito
celeste, a não ser,
os iluminados...

Dádiva dos céus,
destinada aos que
foram até o fim
na sua devoção,
em perseverança,
união com o Todo...

Honraria daquelas
hierarquias divinas,
esta força pode
permanecer sem
manifestação,
durante bom tempo...

Quando eclode, faz-se,
a um só tempo, graça
e valor; transcender
da vontade do
infinito, cuja
luz nos justifica...

Oceanos

Glacial Ártico: cheira a aventura pura
De desbravadores que foram conhecer,
Que há após Groelândia, gelo gélido,
Aquilo que nos impele sempre a
Continuar e explorar territórios muitos...

Atlântico: separa e une nosso Brasil,
Dos extremos tropicais aos temperados
De Portugal, do outro lado do oceano,
Tão perto e tão longe, que quimera; berra
Em alto brado sua imensidão sem fim...

O mar absoluto da serenidade
É esse mesmo mar bravio dessa discórdia;
Costas da Costa Rica, nunca poderia
Deixar de olhá-lo, Pacífico e,
No entanto, nunca vislumbrei nesta vida...

O Índico faz por bem banhar aquelas
Terras das ilhas Maurício, terra-sonho,
Duma África que deu certo; mora sim,
No coração de todos os habitantes
De ontem, hoje e sempre a cantar, a cantar...

O Glacial Antártico me força a
Querer conquista, batendo em "lonjuras"
Que não foram vistas por ninguém a menos
Pelos corajosos, os que foram ao
Encontro e além da Geórgia do Sul, enfim...

o que se espera de nós

cabe a vida nesse Todo,
cabe a alegria desse povo,
cabe em tudo o nosso soldo...

não cabe a morte de tudo,
não cabe a tristeza, mudo,
não cabe a miséria, chulo...

cabe a força para mudar,
cabe a aliança para agrupar,
cabe a esperança no lutar...

não cabe a fraqueza, trair,
não cabe a discórdia, mentir,
não cabe o medo, desistir...

É a primavera

É a primavera,
meu coração sorri.

É tempo de flores,
crisálidas de
lagartas tornam-se
borboletas e,
em festa, voam.

É tempo de luz,
os raios de sol
são mais vivos e
brilhantes e o
céu limpo, anil.

É tempo de graça,
revigorar o
espírito e
trazer, mais uma vez,
esperança, sim.

É a primavera,
meu coração sorri.

Saudade

Saudade do teu olhar
que me fitava sempre
ao sorrir com lábios
que murmuravam muitos
bem-quereres do amor
maior, do nosso amor...

Saudade da tua ginga
ao me receber tão bem
na tua casa para o
namoro do final de
semana, do começo
do nosso namoro, sim...

Saudade do tempo que
passávamos juntos e
sempre felizes, numa
simbiose simples, em
união amorosa,
verdadeira paz mesmo...

Saudade de não te ter
enlaçada em laços
do nosso sentimento
apaixonado ontem.
Talvez os anjos saibam
a medida... saudade...

Movimento cósmico

Universos colidem... e se amalgamam
em grandes e inúmeras galáxias... rodopiam,
rodeadas por imensos quasares... energia
em suas fronteiras de luz que nunca terminam...

Mundos se formam... se desformam, num átimo.
Tudo que era, deixa de ser... também tudo
que não era passa a ser... num balanço de grande
monta que não para, sem começo nem fim...

Harmonia

Cristalina joia,
e multifacetada,
de bela história...

Especial vontade
nessas linhas cósmicas,
duma real bondade...

Cria das nossas mães,
Terra da vida nossa,
sacia a fome, pães...

Pensamento complexo,
embora gesto simples,
carinho do amplexo...

Força motriz, canção
da alma, mundos em
conformidade são...

Harmonia do natural
que espalha conosco
equilíbrio, afinal...

Quando libertar o coração não basta

Girando, girando, o nosso
carrossel não para não.
O carrossel do fim da liberdade...
Eu que estava preso lá,
me libertei, apenas para
ver, sim, quantos permanecem.
E são muitos, muitos mesmo...

Livre daquelas cadeias
que me prendiam aos limites
da incompreensão, da violência,
pude perceber a luta
inclemente para ler
nessas entrelinhas tal
como elas são, mas não há...

Tudo é falsidade, tudo
simulacro da verdade...
Ninguém será livre enquanto
uns estiverem girando
no imenso carrossel do
fim da liberdade em
todos corações humanos...

Quem está segurando quem?

Você é livre, meu amigo...

Estão as amarras com você?
Estão realmente segurando
você e todos nós, com força?

Estão os problemas a nos
afligir de modo tão grande?
Estão e não nos deixam viver?

Você é livre, meu amigo...

Nós que estamos segurando
essas amarras e nós que as
prendemos, nosso esqueleto.

Nós que estamos nos prendendo
nesses problemas e não os
deixamos ir, morrendo sim.

Você é livre, meu amigo...

Estão as correntes nos pés?
Estão mesmo encarcerando
você, eu e nossos amigos?

Estão as mentiras prendendo?
Nossas almas presas em redes
de ilusão, aprisionamento?

Você é livre, meu amigo...

Nós que estamos agarrando
as correntes e não queremos
nos livrar delas, olhe e veja.

Nós que estamos amargurados
nessas mentiras e de modo
nenhum desejamos deixá-las.

Você é livre, meu amigo...

Quis clarificar a mente (ou o seu futuro já chegou)

Quis clarificar a mente
e fui até a janela, mas
qual não foi minha surpresa
quando vi anjos, tantos eram,
vi demônios, tantos eram,
que minha cabeça rodou...

Quis clarificar a mente
para ver a escatologia
do mundo, mas qual não foi
minha surpresa ao perceber:
o fim do mundo já havia
acontecido, esse aqui é outro...

Quis clarificar a mente
e olhei o noticiário, mas
qual não foi minha surpresa
quando vi anjos, tantos eram,
vi demônios, tantos eram,
que minha cabeça rodou...

Quis clarificar a mente,
saber desse apocalipse,
de todo dia e nunca, mas
qual não foi minha surpresa,
quando me dei conta que
o holocausto passara...

Quis clarificar a mente,
vi um cadáver no espelho,
e sem nenhuma surpresa,
vislumbrei anjos, tantos eram,
vi demônios, tantos eram,
que minha cabeça rodou...

Princípio

O ovo é a perfeita
conjunção do
início da
vida e do cosmos...

Como o ovo é próprio
dessas teogonias
míticas dos
gregos, latinos...

Assim também
é próprio do
vento serenar
ao calor, tarde...

Assim também
os namorados
se tocam ao
encontro, beijo...

Assim também
meu coração
bate sempre, sempre,
por ti, amada

Assim também
busco, sem cessar,
essa bússola
do nosso amor...

Sempre que alguém puder sonhar

Uma catástrofe se abaterá, não hoje,
não daqui há anos ou daqui há séculos,
mas neste momento, agora mesmo, sim,
enquanto são lidos os versos nossos aqui
e não poderá nenhum homem dizer isso,
senão lhe vier extrema saudade de nada...

Tapetes persas e porcelana chinesa,
o mais puro ouro que reluz por inteiro
e a minha mente não pôde deixar de pensar
que já era hora de abandonar esses tais
tesouros que nada dizem e nada dirão
quando da grande catástrofe; e ela virá...

Por certo não se poderá rezar sem culpa
ao deparar-se com toda sua magnitude,
mas há de criar; ser um novo amanhã
para mim, você, para todos, sem exceção.
Será um mundo em verdade, gratuidade
e nascerá sempre que alguém puder sonhar...

Que é feito dos filhos teus?

Ó pátria amada, mil
das tuas gentes encontra-se
presa e encarcerada...

São muitos, sem esperança,
mal deixam a infância ou
ainda nela, vão sem herança

para os morros morrer e
matar, num jogo sujo da
criminalidade, aos jorros,

traficando, prostituindo,
com vida desgraçada pelo
vício que ninguém, tapando

o sol com a peneira, finge
que não vê, já que o problema,
conduzido dessa maneira,

vai explodir na mão de todos,
levar consigo nossos
jovens na destruição...

Ó pátria amada, teus
são os filhos do amanhã.
Quando irá ser resgatada?

Seis da tarde

Bateram os sinos na hora
da Ave-Maria e os meus
dentes rangeram porque os
tempos são de morte e não
porque nalgum canto obscuro
da minha alma eu me tenha
ressentido, não, esse perigo
não existe mais, mas às seis
da tarde, os tempos são de
morte; minha cabeça dói.

Só esses loucos é que sabem...

Bateram os sinos naquela
hora dos culpados e dos
que culpam e a minha voz
era rouca, a lágrima caía,
meus olhos, inundando os
mares do meu rosto; sem que
eu pudesse dizer nem ao
menos: deixe-me, deixe-me.
Em si, fora da morte, sangue,
carne; minha cabeça dói.

Só esses loucos é que sabem...

Bateram os sinos no fim
daquela tarde e o sol
purgava os sons da tristeza,
que vinham ao encontro da
nossa santidade ou do
que de diabólico temos.
Não faz diferença, por mim,
por ti, por todos nós e almas
do purgatório, clamam, enfim,
assim; minha cabeça dói.

Só esses loucos é que sabem...

Secura

Seco, é muito seco:
Craquelê de pintura,
sol de quarenta graus,
sensação de um'asia,
ressecamento d'olhos,
morte fora de hora...

Seco, é muito seco:
discurso burocrata,
tratamento de louco,
vontade bem frustrada,
sem força, combalida,
esperança que fugiu...

Seco, é muito seco:
espírito quebrado,
erva daninha, flor,
dose de uísque ruim,
que d'amargor na boca
paisagem modorrenta...

Seco, é muito seco:
limite andarilho,
lamentação de viúva,
lágrimas mui perdidas,
fim, todos os caminhos,
que acabam, sem fé...

nuvem pó

se eu lembrar de esquecer
o latente esquecimento...
não tenho nada, um zero...
quando me lembro de esquecer,
recordo sempre, sem dó.
estranhamente essa tal
lembrança não toma forma
completamente, sendo só
uma vontade de lembrar,
algo que vem e vai, assim,
nuvem pó, fugaz, no vento...

O planeta tristeza

Gravita na minha cabeça
um pequeno planeta, numa
órbita que dura sete anos
para cumprir sua trajetória...
Ou sete mil anos, afinal,
importa? Que importará?

O planeta tristeza vem,
vai, ao sabor das nebulosas...
Pulsa como quasares e
é poderoso com um
buraco negro; o planeta
é feito de matéria escura...

O planeta tristeza é,
a um só tempo, aliado
e algoz, por não deixar o
momento ser eterno não...
Nem deixar que esse momento
passe rápido demais não...

O planeta é tão rápido...
É como um cometa, tão
misterioso como os
anéis de Saturno, em grande
profusão como numa chuva
de asteroides no espaço...

O planeta tristeza não
tem nenhum medo de mim e
nem de minhas aspirações...
Para o planeta é, enfim,
indiferente se eu estou
nuvem ou se estou céu...

Gravita na minha cabeça
um pequeno planeta, numa
órbita que dura sete anos
para cumprir sua trajetória...
Ou sete mil anos, afinal,
importa? Que importará?

Asas

Durmo e ganho as asas,
escuto a voz do vento,
passo por cima das casas...

Desperto, perco as asas,
escuto a voz do tédio,
passo por cima das farsas...

Trabalho para quem?

Não há vagas.
Não há emprego.
Não há...

É muito real saber que
nossa produtividade
é uma das piores no mundo.
Brasil, pobre Brasil, é...

Não há vagas.
Não há emprego.
Não há...

É muito real saber que
nosso desenvolvimento
é um dos piores mundialmente.
Brasil, pobre Brasil, é...

Não há vagas.
Não há emprego.
Não há...

É muito real saber que
nossa segurança e vida
é uma das piores do mundo.
Brasil, pobre Brasil, é...

Não há vagas.
Não há emprego.
Não há...

Porque será?

Sonhos

Sonhos de anarquistas
moribundos, dentro duma
xícara de café.

Sonhos desses niilistas
enjaulados em celas
de vento, ao ar livre.

Perdidos sonhos dos
comunistas clã-destinos
em torno duma fogueira.

Empacotados sonhos
de capitalistas pré-moldados
em presentes de Natal.

Muitos sonhos de
artistas fracassados
em couraças de navio.

Sonhos de poetas,
ao rebentar das ondas,
sem rumo, nem razão.

Sonhos também de
crianças singelas,
sobre doces e brinquedos.

E infindáveis sonhos
dos deuses pagãos que
tecem nossas realidades.

Soneto do novo

Novo caminho,
deslumbrado de
sonhos, é me, ao longe,
oferecido com carinho.

Não sei dizer se o seguirei,
se não o seguirei, mas é
mostrado com toda fé,
e se não for, os rins, cingirei.

Se for, todo resto será só resto,
vida que não se completou,
anseio não concretizado.

Um novo alento no gesto
do divino caduceu alçou,
de Mercúrio sacralizado.

Sem saber, nem deixar de saber

Trágico como os romances
de Milan Kundera no seu
desvendar daquelas tão nossas
superficialidades, eu
subo para tomar ar, depois
do mergulho numa piscina...

A água que me lembra isso!
Isso, isso o quê, meu Deus?
É tão tênue essa lembrança,
que foge da minha cabeça,
como poema de Carlos Nejar,
tão forte, tão fugidio também...

Mortal como os contos de
Machado de Assis, tão bem
longos quanto bem fluídos, é.
Infeliz e feliz ao mesmo
tempo, eu varo madrugada,
sem saber, nem deixar de saber...

Todo dia sempre vem a manhã

Caiu aquela manhã encima de mim,
Eu que pensava que fosse só
a noite que caísse; essas minúcias,
figura de linguagem, não são
a manhã, tão novos raios de sol,
me afligindo e lembrando assim
do aroma: café e gosto do pão...

Resplandecente sol inundava
As casas, o orvalho ia embora,
Forte, o fardo da madrugada,
Também desaparecia, mostrando
Que o futuro guarda melhores
Ares, melhores ânimos sim,
Para superar dificuldades...

A labuta esperava, dia
A dia, sem esmorecer por bem
Dos que podem, necessitam, fazem
Uma nova fonte de vida a cada
Amanhecer, que por todos, deve
Trazer a jornada renovada,
Esperança sempre, todo dia...

Biografia do autor

Mauricio Duarte

Mauricio Duarte é natural de Niterói, RJ. Escritor, poeta, artista plástico e ilustrador, Mauricio é formado em Desenho Industrial – Programação Visual na Escola de Belas Artes da UFRJ. Publicou sob demanda, em 2008, o livro Anti-arte . experimentos em artes visuais e poesia conspiracional. Fez parte do Catálogo Biennali Del Libro d´artista da LineaDarte em Nápoles, na Itália em 2009. Já participou de duas exposições virtuais coletivas na Galeria Monalisa: Talentos 2010 e Formas e Cores em 2011. Teve sua obra publicada no Catálogo Anuário Brasileiro de Artes Plásticas Consulte da Editora Roma, em São Paulo, 2011. Teve sua biografia incluída no livro Perfis Biográficos de artistas gonçalenses pela São Gonçalo Letras e Prefeitura de São Gonçalo em 2011. Participou da exposição Livre para Criar, em 2011, da Nossa Galeria de Arte e da exposição virtual coletiva Legado da Arte no ano de 2013. Atualmente faz parte do catálogo online da Nossa Galeria de Arte. Tem duas antologias de contos publicadas sob demanda: Conspiração Literária e Conspiração Quadrinhográfica, além das coletâneas de poemas, Poesia Brutista, Simultaneísta e Estática e Pedacos de uma vida. Concluiu o curso de Produção Textual com a poeta Maria Regina Moura na editora Canteiros. Foi premiado pela ABD com medalhas de prata e de destaque concernentes a sua participação em salões de arte e literatura como poeta. Foi premiado também com a menção honrosa em poesia no XXXV Concurso Hermandos Continentes da Argentina. Teve poemas premiados relativos ao 2o. lugar no 12o. Prêmio Nacional de Poesia - Cidade Ipatinga no âmbito do 14o. Circuito de Literatura do Clube de Escritores de Ipatinga . 2015. Foi selecionado para publicação na coleção Sementes Líricas com o livro de bolso Vozes que calam . poesia em Concurso da Editora Literacidade. O artista já foi colunista do site No Mundo e Nos Livros onde realizava contribuição bimestral para coluna sobre artes visuais e literatura. Atualmente é colunista do site Divulga Escritor. Membro Correspondente da Academia de Letras de Teófilo Otoni. Membro da SAL (Sociedade de Artes e Letras de São Gonçalo) e Membro Acadêmico da cadeira 18 da Academia de Letras Virtual do Grupo Intenção e Gestos. Na atualidade é estudante do curso à distância de Pós-Graduação (lato sensu) em Docência do Ensino Superior da Universidade Dom Bosco no Portal Educação.

Este livro foi composto em Calibri, corpo 10, 44 e variações, em Garamond corpo 100 e variações e em Castellar Corpo 200 e variações na cidade de São Gonçalo – RJ, no inverno do ano de 2018.

